A semântica do sacrifício na Escritura

Rita Maria Gomes[1]

Resumo

A presente comunicação visa a reflexão sobre a semântica das celebrações litúrgicas na Sagrada Escritura. O objetivo principal é traçar o campo semântico dos ritos presentes no Antigo Testamento e como eles são relidos no Novo Testamento para, por fim, perceber como chegou até nós. A metodologia é a analítico-bibliográfica, considerando a própria Escritura e comentadores. Chegou-se à conclusão que, após algumas releituras, o campo semântico permanece ainda em nossas liturgias.

Palavras-chaves: Sacrifício. Culto. Levítico. Hebreus. Liturgia.

1 Introdução

Pensar a semântica dos ritos cultuais na Escritura requer principalmente voltar o olhar para o livro do Levítico e sua consideração dos sacrifícios, isso significa que basicamente vamos nos ater a este tema. A reflexão seguirá dois passos: o estudo do sacrifício segundo o Levítico e sua releitura na Epístola aos Hebreus. Isso deverá lançar luzes sobre a noção de sacrifício em nossa liturgia contemporânea.

O tema do sacrifício é muito amplo. Por isso, há a exigência de fazer escolhas, delimitar abordagens. O sacrifício é um fenômeno universal e dificilmente se encontra uma religião que não possua um ritual sacrifical. Estes rituais apresentam uma semelhança básica, mas não devida a empréstimos recíprocos. Pensa-se que o caráter próprio dos sacrifícios faz com que sejam semelhantes.

A existência mesma de sacrifícios, como parte dos ritos cultuais, se fundamenta no dado antropológico de uma consciência da diferença radical entre o ser humano e a divindade. Os sacrifícios, portanto, visam facilitar a difícil aproximação dessas duas realidades díspares. O ser humano bíblico tem

[1] Doutora em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Membro do Programa de Pós-graduação em Teologia da UNICAP. Grupo de Pesquisa: Cristianismo e Interpretações. *E-mail: rita.gomes@unicap.br*

consciência de que sua relação com Deus é uma relação fundamental, ou seja, que sustenta todas as suas relações (Vanhoye, 1983, p. 15). Por isso, o culto sacrifical é tão importante na Escritura.

2 O sacrifício no Antigo Testamento segundo o livro do Levítico

A definição mais comum do sacrifício é a de que ele é uma oblação feita à divindade por meio da consagração e consumação da coisa oferecida. O objetivo desta oblação é estabelecer ou manter a comunhão com a divindade. Essa comunhão com a divindade pode ser concebida sob diversos aspectos, sendo o simbolismo dos vários tipos de sacrifícios o responsável por expressar as diferenças.

Os elementos comuns aos sacrifícios são: o dom do homem à divindade; a homenagem do súdito ao senhor; a expiação das ofensas; a comunhão com a divindade no banquete sacrifical; vida subtraída da vítima, oferecida à divindade e conferida aos adoradores. O simbolismo do ato sacrifical altera-se de acordo com a ausência ou não de alguns desses elementos. A partir disso, percebe-se que o elemento básico do sacrifício parece ser o dom, ou seja, a oferta.

O sacrifício no Antigo Testamento não se apresenta como o elemento identificador da fé israelita e as peculiaridades de seus sacrifícios é resultado do caráter único do Deus de Israel, ou seja, a concepção de Deus que dá origem e significado aos rituais sacrificiais dos israelitas. Existe um termo mais amplo que se aplica a muitas ações que envolvem o que chamamos de sacrifício que é *qorban* (קרבן) (Willi-Plein, 2001, p. 26).

O culto israelita apresenta dois tipos de sacrifícios: a oferenda de alimentos (vegetais ou cereais) chamada *minhah* (מנחה) e a oferenda de animais chamado de *zebah*, considerando o fato de que os animais são abatidos. As ofertas vegetais geralmente acompanham os sacrifícios com animais e seu simbolismo básico é de oferenda, dádiva. Mas tudo indica que no início o termo *minhah* foi usado para designar a oferenda completa em que havia carne e pão de farinha de trigo e de milho (Willi-Plein, 2001, p. 79). Assim, devemos entender que essa distinção se dá aos poucos.

Os sacrifícios com animais por sua vez eram de dois tipos, pois a oferenda era total ou parcialmente queimada. A oferenda totalmente queimada é designada como '*ôlah* (עולה) ou holocausto (sacrifício pelo fogo) e o animal do sacrifício deve ser sem defeito de acordo com Lv 1. O simbolismo da oferenda totalmente queimada é diverso do simbolismo da parcialmente queimada e não se enquadra nos outros tipos de sacrifícios, portanto não é um sacrifício expiatório. A totalidade da oferta indica uma maior solenidade e por ser totalmente queimada indica um ato supremo de adoração. Era oferecida nas seguintes situações:

- na purificação depois do parto (Lv 12,6.8);
- na purificação do leproso (Lv 14,19.22);
- depois da purificação da impureza originada de doenças sexuais (Lv 15,14-30);
- na consagração do nazireu (Nm 6,10.14);
- na consagração dos sacerdotes (Lv 9).

Oferendas parcialmente queimadas são ofertas pacíficas ou sacrifícios de expiação. As ofertas pacíficas (שלמים - *shelem*), como o próprio nome indica, simbolizam as boas relações entre o homem e Senhor. O ritual da oferta pacífica encontra-se em Lv 3. A pureza ritual é exigida para a participação no banquete. Eram oferecidas:

- depois de uma vitória (1Sm 11,15);
- na introdução da Arca em Jerusalém (1Sm 13,9);
- na consagração do Templo (1Rs 8,64).

Com o mesmo ritual há três tipos de ofertas pacíficas: oferta do agradecimento, oferta votiva e a oferta espontânea. O simbolismo da oferta pacífica é consequência do banquete sacrifical. Os ofertantes apresentam um banquete à

divindade a qual, por sua vez, o aceita e convida os adoradores a participar dele. Uma relação cordial e amigável.

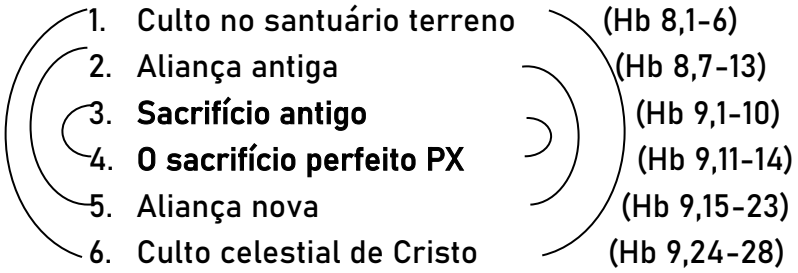
Os sacrifícios de expiação pressupõem que houve uma ruptura das boas relações entre a divindade e o adorador e o sacrifício visa à restauração dessa relação. Este tipo de sacrifício é por sua vez, subdividido entre oferta pelo pecado חטאתי (*hattat*) e oferta pela culpa אשם (*asham*) (Willi-Plein, 2001, p. 91). Não é um banquete sacrifical. O que não é oferecido a YHWH, nem dado aos sacerdotes é queimado fora do acampamento ou da cidade.

Em resumo, o elemento simbólico comum em todos estes sacrifícios é, portanto, a presença do sangue que é o símbolo da vida. Outro ato ritual comum é a imposição das mãos feita pelo ofertante que pode ser interpretado de diferentes modos.

3 O sacrifício no Novo Testamento a partir de Hb 9,1-14

O sacrifício no Novo Testamento pode ser visto por dois caminhos: o dos evangelhos e o das cartas, principalmente o texto de Hebreus. O dos evangelhos não trará muita diferença em relação ao já considerado no ponto anterior porque só pensa o sacrifício e a instituição sacerdotal que o sustenta ao modo do Antigo Testamento, conforme estipulado no livro do Levítico. Cabe, portanto, considerar o texto diferente de Hebreus que tem como tese principal "tal é o sumo sacerdote que temos, que se sentou à direita do trono da majestade, nos céus" (Bíblia [...], 2002, Hb 8,1, p. 1411).

Todo o texto de Hebreus está permeado da semântica do sacrifício e do culto uma vez que para a existência do rito é necessário a figura do sacerdote. Para confirmar sua tese de que Jesus é o único e verdadeiro sumo sacerdote ele vai reler todas as figuras e eventos importantes do Antigo Testamento que tenham alguma relação como sacerdócio. Na parte central de seu texto (Hb 8,1–9,28), o autor coloca no centro a questão do sacrifício, tal como é possível, verificar abaixo:



Diante deste esquema já é possível perceber que o autor de Hebreus faz uma releitura do sacrifício comparando o antigo com o de Cristo que ele assinala que é perfeito. Aqui devemos considerar o sacrifício do tipo holocausto, pois este era feito na consagração dos sacerdotes, ainda que o autor neotestamentário tome distância do ritual como tal.

O tema do sacrifício perfeito de Cristo está desenvolvido em 9,11-14. O horizonte de fundo da argumentação é a celebração do *yom kippur*, na qual o sumo sacerdote entra no Santo dos Santos uma vez cada ano. Com seu "sacrifício" ele rompe a divisão marcada pelo véu que separa o lugar Santo do Santo dos Santos (Vanhoye, 1983, p. 71).

Assim se manifesta o caminho do Santuário porque Cristo substitui a primeira "tenda" por uma mais perfeita. A "tenda verdadeira", ou seja, o corpo do Ressuscitado, que não dá acesso a uma "segunda tenda", mas ao santuário celeste: a santidade mesma de Deus. A "nova tenda" não está aberta somente para o santuário divino, mas também está aberta para o lado em que se encontra o povo (Vanhoye, 1983, p. 71). Com isso, a imagem se torna claríssima. Jesus é o Caminho que introduz todos os homens que aderem a Ele na intimidade de Deus.

Logo depois de falar da "tenda", o autor fala do "sangue". Esse é um termo importante e aparece quatro vezes em três versículos. Isso é lógico porque o desenvolvimento da argumentação visa a mostrar como o sangue é outro meio que permite entrar no Santuário. Esse meio só é eficaz porque não se trata de qualquer sangue, mas do "sangue de Cristo".

Por que esse sacrifício é eficaz enquanto os outros não eram? Novamente o autor deseja mostrar a superioridade do sacrifício do Cristo e o faz comparando com os rituais antigos. A oferta do sangue dos animais era o elemento corriqueiro

nos sacrifícios. O sumo sacerdote oferecia por si e pelo povo o sangue de animais para obter o perdão dos pecados involuntários.

Cristo oferta seu próprio sangue e por isso entra no santuário "de uma vez para sempre". A oferta do sangue de animais significa que o ofertante oferece sua vida de modo substitutivo, mas Jesus ofereceu a si mesmo.

O sentido teológico da morte de Jesus é um tema central na cristologia. Deus aceita a morte de Jesus como oferta, portanto, como sacrifício. Na sua morte, Jesus é sacerdote, pois ele se ofereceu, e vítima do sacrifício. Sacrifício perfeito porque não apenas liberta da condição de pecado, mas também purifica as consciências, realizando assim o sonho de Jeremias (Jr 31,31) que anunciava uma mudança das estruturas interiores do homem pela nova e definitiva aliança com Deus.

5 Considerações finais

Em nossas liturgias, de modo especial, a missa, celebramos o sacrifício de Cristo ao qual chamamos de sacrifício incruento porque não tem o elemento do sangue enquanto o de Cristo é chamado de sacrifício cruento porque houve derramamento de seu sangue.

No entanto, se seguirmos a lógica do sacrifício, tanto na perspectiva comum das religiões quanto do Levítico e de Hebreus teremos que apontar como elemento comum a todo sacrifício a oferta. A morte de Cristo só é sacrifício porque sua vida foi ofertada. Ele não foi apenas uma vítima entregue para a imolação, Ele mesmo se ofertou, se entregou. Isso faz com que o mais importante seja o ato de ofertar.

Por isso, na liturgia o ofertório não é o momento em que cantamos e damos ou não livremente uma oferta em dinheiro. Isso é a preparação das ofertas. O que é ofertado é o pão e o vinho para serem consagrados, tornados corpo e sangue de Cristo para nós os fiéis.

Referências

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (Org.). **Bíblia sagrada**. São Paulo, SP: Aparecida, SP: Petrópolis, RJ: Ave Maria : Loyola : Salesiana: Paulus: Paulinas ; Santuário ; Vozes, 2001.

ELLIGER, Karl; RUDOLPH. Wilhelm. **Bíblia Hebraica**. Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 1997.

NESTLE-ALAND. ***Novum Testamentum graece***. 28 ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

VANHOYE, Albert. **A mensagem da Epístola aos Hebreus**. São Paulo: Paulinas, 1983. (Cadernos Bíblicos, 21)

WILLI-PLEIN, Ina. **Sacrifício e Culto no Israel do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2001.